

Deve a Imoralidade Sufocar o Teatro?

DAVID MERRICK

NÃO EXISTE nada que se compare ao silêncio de expectativa que desce sobre a platéia de uma peça da Broadway no momento em que as luzes da sala começam a baixar e a cortina está a ponto de se abrir. Abandonamos muito de nossa capacidade de descrever; ficamos dispostos a rir ou a chorar, ou a sermos fascinados. Eis-nos novamente inocentes e ansiosos por sermos tocados pela mágica especial do teatro—sua capacidade de iluminar a vida.

DAVID MERRICK, nos 15 anos que é produtor da Broadway, já teve 40 sucessos—um recorde mundial no teatro. No momento, os seus espetáculos são: *Alô, Dolly!*; *Promessas, Promessas*; *Quarenta Quilates*; *“Toque de Nôvo, Sam”*; e *Vidas Privadas*.

Quando o choque da nudez e dos atos sexuais explícitos passar, as cenas apresentadas serão identificadas em sua verdadeira natureza: a de pálidos substitutos para a imaginação, o estilo e o espírito que constituem o verdadeiro sangue das veias do teatro

Na temporada de 1969-70, no entanto, houve uma epidemia de peças experimentais montadas nos chamados teatros “fora da Broadway” totalmente desprovidas de tal mágica. Foram os “espetáculos sujos”. A nudez provocava um choque inicial, porém o que se seguia eram cenas tão sem espírito, tão gritantemente grosseiras e vulgares, que as platéias ficaram transidas de espanto.

Em *Oh, Calcutá!* 10 homens e mulheres despem-se completamente e representam suas perversões sexuais.

E Rabos de Cachorrinhos, uma peça a respeito de homossexuais, tem uma tênue trama usada apenas como desculpa para fazer homens irem para a cama juntos, dando ao público uma visão breve de seus órgãos genitais. Quando se abriu a cortina de *Ante a Fortuna e os Olhos dos Homens*, na noite de estréia, a platéia foi mimoseada com a visão de um homem defecando. A isso se seguia uma cena na qual um rapaz nu viola outro no chuveiro, e outra na qual um rapaz se masturba enquanto ouve o barulho de um outro rapaz, a quem ama, sendo chicoteado.

A pornografia pesada não tem nada de novo, porém raramente, na História Contemporânea, havia êsse tipo de material sido exibido no teatro sério. Agora, pelo preço de uma entrada de teatro a platéia pode ser atraída para uma garagem ou um celeiro adaptados, acomodada em cadeiras de pau, e ver um bando de zombies no palco a apresentar pantomimas de atos sexuais sem nenhum relacionamento com o amor ou a afeição ou alegria. São performances mecânicas, e por isso nem sequer obscenas. Não é "quente". É muito chato.

Tudo isso me preocupa porque o teatro vivo, muito embora seja pequeno quando comparado a algumas das outras artes, tem ampla influência. Êle é uma sementeira de nossa cultura. O teatro transpõe muitos romances importantes para o veículo da palavra falada; nós fornecemos ao cinema os frutos do nosso talento.

O que acontece no teatro afeta a tessitura da sociedade, influencia as atitudes morais e até mesmo políticas da nação.

Desde os dias em que os romanos se divertiam com atôres pagos para executar cenas de sodomia, estupro e incesto, que o teatro tem trabalhado para perder o antigo estigma de imoralidade. E foi só nas décadas mais recentes que a batalha foi ganha. E agora isto!

Atentos à possibilidade da indignação pública, os produtores dêses espetáculos de modo geral procuram vestir sua pornografia com roupagens sociológicas ou filosóficas. Assim, *Ante a Fortuna e os Olhos dos Homens* é localizada numa prisão, e suas cenas de homossexualismo e masoquismo são apresentadas com um apêlo em favor da reforma das prisões:

Kenneth Tynan, que foi quem teve a idéia original de *Oh, Calcutá!*, é um homem civilizado e sofisticado. Ex-crítico, e dos melhores, êle defende a liberdade artística. Numa entrevista em 1969, disse êle: "A questão fundamental é saber se você acha justificável o uso de meios artísticos para criar o prazer erótico. A busca da felicidade por meio do sexo é o nosso tema principal."

Há dois anos Tynan pediu-me para produzir *Oh, Calcutá!* Dizia êle: "Ê é uma revista que trata do erotismo com estilo e espírito." Concordei em ler o roteiro. Não encontrei nêle uma só linha de espírito. E mesmo que existisse, ficaria sufocada pelas montanhas de carne.

O que se pode fazer a respeito? Sem dúvida pode-se e deve-se estabelecer limites para a indecência pública. O Prefeito de Nova York, John Lindsay, diz-me que os promotores públicos não têm nenhuma definição legal e clara na qual se basear para agir contra os espetáculos sujos. Eles pura e simplesmente não sabem como enquadrar a pornografia dentro do esquema da jurisprudência existente.

Há os que temem que *qualquer* cerceamento legal da obscenidade no palco leve à censura. Discordo. A proibição da exibição pública de atos sexuais dificilmente pode ser interpretada como um ataque à liberdade de expressão de um autor. De há muito que a Broadway aceita o sexo como parte da vida. Se uma peça necessita de cenas sexuais explícitas, então o escritor não tem muita coisa de novo ou de criador para dizer.

É para preservar o direito do teatro de falar de todos os assuntos que eu gostaria de limpar o palco. Permitir uma total licenciosidade só pode resultar, mais cedo ou mais tarde, numa indignação pública que poderia levar ao desejo de uma censura.

Os tribunais não são os únicos culpados; um dos maiores erros está na própria Broadway. A pornografia penetra facilmente num vácuo. Onde não existe nenhum incentivo para a mente, o excitamento mecânico do corpo se apresenta como a alternativa. E a verdade é que a Broadway tem-se tornado cada vez mais

estéril nestes últimos anos. Estamos com falta de autores. A causa é parcialmente econômica. Os escritores jovens estão buscando a relativa segurança do cinema e da televisão. Mas o que há principalmente é que a nossa é uma época de confusão, e os escritores não sabem exatamente o que dizer da vida. Devem eles ser cínicos? Otimistas? Será que uma coisa ou outra fará alguma diferença? O mundo, à sombra da bomba, não parece estar particularmente interessado.

Mas essa atitude é errada. O teatro precisa deles; o mundo *quer* ouvir o que eles têm a dizer. E eu creio que eles serão ouvidos. Os jovens estão buscando novos valores, ou pode ser que estejam tateando em busca de uma volta aos antigos; mas quando encontrarem algo de útil ou forte, nós o saberemos pelo teatro.

Para mim o teatro se apresenta em seu melhor aspecto quando fala em favor do amor e da esperança, quando busca a beleza, quando se ri dos presunçosos. E a fôlha dos sucessos da Broadway me apóia no meu ponto de vista. A maior carreira de todos os tempos foi a da *Nossa Vida com Papai*, uma comédia da vida familiar; a maior carreira de um musical foi a de *My Fair Lady*.

Em 1969, *As Borboletas São de Graça* estreou na Broadway. Trata-se de uma modesta comédia de amor de um rapaz e uma moça, com a mãe excessivamente protetora do rapaz a completar o triângulo. Quantas centenas de vezes já foi contada

essa história? Muito bem, quantos milhões de vêzes isso já aconteceu na vida real? Além disso, o autor Leonard Gershe faz tudo parecer nôvo e bonito.

O importante é que essa peça despretensiosa se tornou um sucesso. As platéias, cujas mentes foram anestesiadas pelos espetáculos sujos, agora preferem o riso. O que marca uma etapa de mudança na Broadway.

Ao criticar *Ante a Fortuna e os Olhos dos Homens*, o crítico do *Times* de Nova York, Clive Barnes, escreveu: “Eu acho que se isto parece ser o tipo de peça que você gostaria de ver, você está precisando muito mais de um psiquiatra do que de uma entrada de teatro.” Há muita gente doente neste mundo, mas não compete ao teatro tratá-la—e muito menos às custas do resto do público.



Consciência de Classe

MUITAS crianças não têm muita certeza se as professôras são ou não humanas, e acreditam que elas adquirem vida repentinamente às oito da manhã e desaparecem à uma da tarde de cada dia.

Uma professôra de segundo ano estava fazendo compras num supermercado próximo à escola quando esbarrou com um de seus alunos. Ao vê-la, Tommy ficou muito espantado e exclamou: “Uai, D. Júlia, eu não sabia que a senhora comia mantimentos!” —H. L. B.

UMA NOITE, ao jantar, durante as férias de verão, meu filho de nove anos contou que vira sua antiga professôra no parque de diversões. Eu perguntei como ia ela, e êle respondeu que não sabia. Então indaguei:

—E você não falou com ela?

—Nas férias?—exclamou êle.

—P. C. S.



Contrôle de Saída

UM DE nossos empregados faz constantes viagens entre o nosso laboratório de pesquisas e a sede da companhia, para entrega de correspondência. Leva sempre consigo uma pasta que, quando não está em uso, é guardada numa gaveta na portaria. Recentemente apareceu um vendedor perguntando por êsse empregado. A recepcionista abriu a gaveta, olhou lá dentro e informou: “Êle não está aqui.” O vendedor retirou-se muito espantado.

—Sr.^a M. B.